



## NUTRIÇÃO, COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR

André G. Cintra (MV, Prof. Esp.)

Autor dos livros "Alimentação Equina: Nutrição, Saúde e Bem-estar" e "O cavalo: Características, Manejo e Alimentação" e coautor do livro "Manual de Gerenciamento Equestre: Textos, Tabelas e Planilhas"

Contato: [agcintra@gmail.com](mailto:agcintra@gmail.com) • Site: [www.andrecintra.vet.br](http://www.andrecintra.vet.br) • Instagram: [@andregcintra](https://www.instagram.com/andregcintra) • YouTube: [André G. Cintra](https://www.youtube.com/AndréG.Cintra)



COPYRIGHT NEIDE WEINGRILL

# ESPORTES EQUESTRES AMEAÇADOS OU CAVALOS DE ESPORTES AMEAÇADOS?

## O QUE VEM PRIMEIRO?

*"Quem luta com monstros deve se cuidar, pois, ao fazê-lo, pode se transformar também em monstro. Quando se olha por muito tempo para um abismo, o abismo também olhará para dentro de você..." (Nietzsche)*

***"Eu tenho necessidade de solidão, isto é, de curar-me, de tornar a ser o que fui, de respirar uma atmosfera livre, leve e forte... Longe da aglomeração humana que segue cegamente para a decadência e para a destruição".***

**Nietzsche (1844-1900) proferiu essas palavras após ver um cavalo ser espancado, indo em seu socorro, e chorou abraçado ao cavalo...**

O quanto nós não devemos refletir sobre o que devemos e podemos fazer para melhorar a vida de todos nós, animais e humanos, sem apelar para a violência ao próximo?

Tema para profunda reflexão.

Vivemos em tempos complexos. Tempos de confrontos, onde parecem existir apenas dois lados. Ou solto os animais, ou exijo deles o máximo possível. Mas será que não existe o meio termo? Qual deve ser o papel do Médico Veterinário junto aos animais? Curativo? Preventivo? Resolução de Problemas? Atender ao proprietário? Atender ao animal? Financeiro? Filosófico? Defensor? Que tal um pouco de tudo isso, sem radicalismos? Mas em tempos atuais, é possível ser não radical? Tenho, obrigatoriamente que tomar um partido, a favor de todos os esportes equestres e do atual manejo, independente das consequências para os cavalos ou ser contra todos os esportes e "libertar" os cavalos?

Vamos por partes.

Em primeiro lugar proibir todos os esportes equestres e libertar os cavalos jamais fará bem algum ao cavalo, pois hoje ele é plenamente dependente dos cuidados humanos. Mas quais devem ser verdadeiramente esses cuidados? Baixa? Confinamento? Isolamento? Pressão? Ração?

Começemos avaliando a situação mundial na questão bem-estar animal (BEA).

Devemos pensar que levar em consideração o bem-estar é inevitável, é um caminho sem volta, quer seja pela conscientização dos bons profissionais, quer seja pela consciência humana, quer seja pela cobrança da sociedade, não diretamente relacionada ao meio equestre, mas que está preocupada com a maneira que os animais estão sendo utilizados. Nós necessitamos cada vez mais da licença social.

Sendo inevitável, o confronto “nós x eles” não leva a benefício algum, muito pelo contrário, pois por desconhecimento do que são os esportes e os cavalos, de como devem ser tratados e cuidados, proibindo-se tudo, ninguém mais vai ter condições de manter os animais e será inevitável a soltura em quaisquer locais e em quaisquer condições.

Obviamente, devemos sempre levar em conta as definições e aplicações do que é BEA. Falamos nas Cinco Liberdades (Box 1) que foram elaboradas pelo comitê Brambell em 1965 e amplamente divulgadas e aplicadas pelo Farm Animal Welfare Council, em 1979, ambos no Reino Unido. Porém, a aplicabilidade prática das Cinco Liberdades é extremamente complexa e de difícil avaliação final, por ser subjetiva.

### Box 1: “AS CINCO LIBERDADES”

Relatório Brambell (1965); Farm Animal Welfare Council - FAWC (1979)

#### 1) Livre de Fome e Sede

Ofertar ao animal o que ele realmente precisa para poder atender às suas necessidades, conforme o estado fisiológico do cavalo (crescimento, reprodução, trabalho ou manutenção), sem deficiências nem excessos.

#### 2) Livre de Desconforto

Cavalos evoluíram em liberdade em companhia de seus pares, sendo assim, conforto para ele é estar próximo de outros cavalos, tendo possibilidade de abrigo junto a uma árvore e dormindo sobre a relva.

#### 3) Livre de Dor, Maus Tratos e Doenças

Livre de dor é muito mais abrangente e complexo, especialmente nos atuais dias, onde o ser humano conta com inúmeras ‘ajudas’ (esporas, chicotes, embocaduras pesadas) para melhor controlar o cavalo.

Livre de maus tratos passa também pela rotina diária com um tratador eficiente que efetivamente goste de animais.

Livre de doenças engloba desde a prevenção através do uso de vacinas e vermífugos, até o pronto atendimento médico veterinário quando o animal apresentar algum tipo de alteração em seu estado de saúde.

#### 4) Livre de Medo e Estresse

A segurança do ambiente do cavalo começa pela presença de outros cavalos, com os quais ele possa interagir e formar um grupo onde um estará sempre de vigilância enquanto o outro repousa. Cavalos gostam de certa rotina diária, onde cumprir os mesmos horários para comer, treinar, soltar e outros cuidados favorece o bem-estar dos animais.

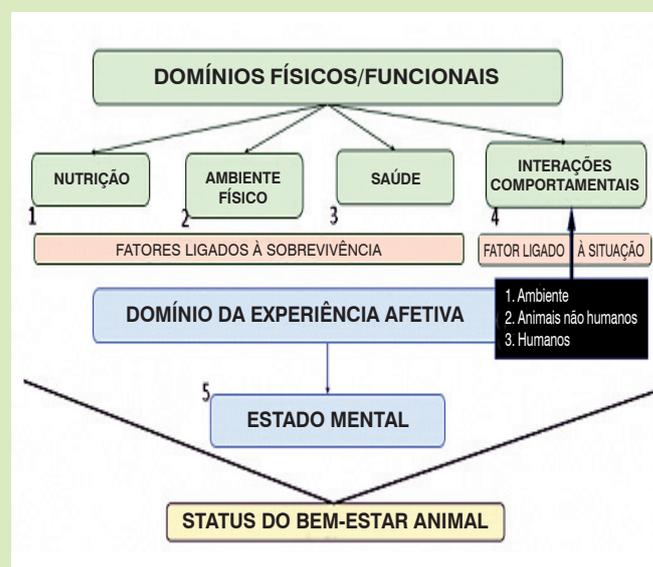
#### 5) Livre para Expressar seu Comportamento Natural

O comportamento do cavalo é baseado em 4 preceitos: presa, gregário, liberdade e volumoso.

Por conta disso, Mellor e Reid (1994; com atualizações em 2001, 2004, 2009, 2012, 2015, 2017 e 2020) propuseram os Cinco Domínios (Box 2) onde se pode quantificar melhor as condições ambientais e dos animais para, desta forma, avaliar se há realmente BEA em todo o microambiente que o animal vive. Nos Cinco Domínios, o que importa para os animais em termos de bem-estar são suas experiências subjetivas.

### Box 2: “OS CINCO DOMÍNIOS”

Mellor & Reid (1994); Mellor et al. (2020)



Não vou me apegar à questão financeira, que certamente é muito relevante no Brasil e na maioria dos países, pois apesar de ser muito importante para as pessoas, esse argumento não é válido para os animais em si. E, se falamos em BEA, importa demais o que realmente é relevante para os animais. E vamos nos ater a esse ponto, em especial.

Temos visto com certa frequência, mais que o desejável, provas sendo proibidas pelo judiciário com argumentos de maus tratos pelo uso de espora, chicote, embocaduras, etc. que podem, sim, efetivamente, causar dor aos animais. E por isso, todos são penalizados, mesmo aqueles que não fazem uso errôneo destes instrumentos.

Recentemente, em alguns locais de Minas Gerais, foram proibidas cavalgadas. Na terra do Mangalarga Marchador, não se pode fazer cavalgada.

Com relação ao uso dos chicotes cito a seguir três estudos de relevância que mostram o quanto o chicote é irrelevante e deve ser abolido simplesmente porque, além de causar dor, imediata ou posterior, não faz diferença na performance. Oras, se não é necessário, por que manter seu uso? Para satisfação do cavaleiro? Para segurança deste? Mas se é bem-estar ANIMAL, deve ser relevante o que o é para o cavalo.

Em trabalho de 2011, Evans e McGreevy notaram que o aumento no uso do chicote não foi associado a uma variação significativa na velocidade como preditor de uma colocação superior no final. Cavalos atingiram as maiores velocidades quando não havia uso de chicote. Wilson, Jones e McGreevy (2018) não observaram redução significativa nos tempos de vitória rápidos ou médios em nenhuma das análises. Em 2020, Thompson et al. não encontraram evidências de que o uso do chicote melhore a direção, reduza a interferência, aumente a segurança ou melhore os tempos finais de competição.

Dados científicos relevantes, que devem e precisam ser levados em consideração. Desqualificar a ciência nunca favoreceu as relações, pelo contrário, apenas eleva a tensão; resultados forçados não são consistentes nem duradouros.

A ciência não força, ela esclarece e informa a realidade então oculta ou encoberta pela visão vigente.

Konrad Lorenz, prefaciando a reedição de um livro de Charles Darwin, lembra um dito de um de seus professores, Otto Kholler: “A verdade de hoje é o caso particular de amanhã”.

Pensando nisso, só podemos lamentar por aqueles que negam, resistem e continuam negando à luz de novas evidências, de novas respostas.

E, como profissionais, o que devemos efetivamente fazer? Apenas aceitar o que os clientes querem? E o juramento do médico veterinário (**Box 3**), onde me comprometo a atuar segundo o código de ética e promover o bem-estar animal? Como fica se fecho os olhos para a quantidade de lesões que curo, mas não procuro prevenir? A quantidade de cólicas que atendo, onde muitos colegas acham normal? A quantidade de lesões em membros por antecipar a entrada de animais em competição sem estarem estruturalmente preparados para tal carga de exercício? A questão, muitas vezes, não é quais animais irão se lesionar, mas quando. Ainda no juramento, deve-se buscar “a harmonia entre a ciência e a arte”, onde arte é a capacidade de aplicar a ciência no dia a dia.

ca teve que fazer curativo em cavalos de hospital ou mesmo em haras, com muitos animais e não tem tempo para perder” (oi? Tempo a perder com pacientes em recuperação, que dependem de calma e tranquilidade para reagir e retornar ao estado de saúde mais rápido? Além de ser comprovado que o estresse inclusive atrasa a recuperação dos enfermos).

E sim, devemos investir tempo na correção de manejo, na orientação correta do comportamento do cavalo, e isso não apenas auxilia na recuperação dos animais em tratamento, mas também ajuda a prevenir acidentes. Interessante ainda observar, no caso, que se uso uma vez o cachimbo, causando dor, o que o cavalo deverá esperar a próxima vez que for manuseado? Mas se investir corretamente meu tempo com manejo calmo e sem dor, facilitará muito as visitas posteriores, pois os cavalos têm uma memória excelente e quanto pior a experiência do animal em um local e/ou com uma pessoa, mais ele tende a reagir negativamente ao que é feito com ele. E em algum momento não haverá mais contenção dolorosa que segure aquele cavalo.

Se não temos tempo a perder com nossos pacientes, com quem vale a pena?

Há alguns anos, estando almoçando na cantina da faculdade onde lecionei por 16 anos, na mesa ao lado, quatro colegas com cavalos internados no HEV discutiam os problemas de seus animais, todos com cólicas. Até que um deles mandou: “ah, mas cólica em cavalo é normal” (oi? Estado de doença é normal? Normal é estado de saúde).

Quando profissionais acham normal cólicas, claudicações, lesões osteoarticulares em potros iniciados precocemente, etc., etc. temos sim um grave problema pela frente, muito mais profundo e que precisa ser repensado, revisto e reestudado.

E o que isso tem a ver com esportes equestres? Tudo, pois tudo é o mundo equestre.

Se eu fecho os olhos a isso tudo, como posso dizer que gosto e respeito os animais? Como posso brigar pelos esportes equestres se sei que há sim, problemas?

Apenas problemas? Claro que não. É possível criar, montar e competir com cavalos respeitando-os e conseguir ótimos resultados. Claro que isso exige mais do ser humano, através da educação continuada para entender o que é o cavalo (e não apenas o esporte), o que ele precisa (e não apenas o que posso dar), o que é tratamento e cura de paciente (e não da doença). Essas atitudes já melhoram, e muito, a qualidade de vida dos animais e colocam em xeque os radicais do BEA.

Ou seja, o objetivo não é antagonizar plenamente, mas buscar o meio termo. E, diria, que se partir de nós, profissionais do meio equestre, que vivem disso, onde muitos vivem para isso, por que amam os animais e realmente querem o melhor para eles, ficará muito mais fácil chegar a um consenso, bom para o esporte e criação, bom para os animais e, sendo assim, apaziguando uma situação que se demonstra insustentável pela incerteza do futuro equestre.

Mas deve ser algo realmente sério.

De forma recorrente somos consultados por entidades que organizam eventos equestres e associações de criadores para propor algo que possa ser efetivamente utilizado em prol dos cavalos com o mínimo de prejuízo para os eventos.

Fizemos uma proposição a longo prazo para que possamos



### Box 3: “JURAMENTO DO MÉDICO VETERINÁRIO”

Resolução 1138, CFMV, 2016

*“Juro que, no exercício da Medicina Veterinária, cumprirei os dispositivos legais e normativos, respeitando o Código de Ética profissional, buscando harmonia entre ciência e arte, aplicando meus conhecimentos para o desenvolvimento científico e tecnológico em benefício da saúde única e bem-estar dos animais, promovendo o desenvolvimento sustentável. Assim eu juro!”*

Outro dia, em post do Instagram, uma colega médica veterinária especialista em comportamento animal abordou o tema pito ou cachimbo, como sendo algo a ser repensado na rotina diária do médico veterinário (sim, BEA também tem que ser aqui). Ao condená-lo publicamente, foi enxovalhada de críticas de colegas dizendo: “isso porque você nunca fez dentes de potros semisselvagens” (oi? Então posso causar dor, mas não devo me preocupar em melhorar o manejo da propriedade?); “isso porque você nun-

ter tempo de mudar a cultura equestre, abrangendo desde os eventos em si até o sistema de criação e treinamento, onde sim, deve haver até fiscalização nas propriedades, local de muitas barbáries recorrentemente e, pior, com o conhecimento e convivência, quando não orientação, de colegas médicos veterinários.

Em uma das associações fiz a avaliação de todos os tipos de provas, contrapondo as competições que podem ser ligeiramente adequadas para se respeitar o BEA até algumas que, infelizmente, isso se torna impossível. Mas estas são muito poucas, de forma que não afetará realmente os esportes equestres.

As adequações devem passar, fundamentalmente pela educação, começando pelos proprietários, tratadores na fazenda, apresentadores, peões, treinadores, ginetes e, claro, por nós, médicos veterinários. Deve ser um plano de longo prazo, mínimo de 10 anos para ser efetivo, mas é um começo.

Mas porque também na fazenda? Na edição da Revista "Rodeo Life", de maio de 1997, há uma entrevista com um treinador, da qual se destaca o seguinte trecho: "Treinava das cinco da tarde até às dez da noite, sem trégua. Sempre passava da meia noite e não amarrava menos de cem bezerras". Entrevista antiga, mas se não mudou, então nada muda para os pobres cavalos e bezerras.

Esta semana uma cliente virtual do Paraná me procurou para orientações de manejo e nutrição e, nas conversas, ela citou que o antigo treinador não permitia que fizesse carinho no cavalo nem nos treinamentos nem após as provas, nem o agradasse para não criar "barda", pois o cavalo fica mal-acostumado. Pobres cavalos que sofrem nas mãos de vis seres humanos.

Porém, já existem muitos profissionais, médicos veterinários e profissionais do meio equestre com resultados expressivos que verdadeiramente se preocupam com os cavalos, com o BEA e com técnicas que minimizem os malefícios do manejo e treinamento incorretos, do treinamento sob pressão excessiva, etc. utilizando-se, por exemplo, de técnicas de reforço positivo. É o caso das cavaleiras Shawna Karrasch, que orientou diversos medalhistas olímpicos do salto, de Georgia Bruce, medalhista paralímpica do dressage/adestramento e de Dana Rindermann, autora de livros e treinadora de alta escola, cujas performances nos levam a crer em aberturas e uma luz no fim do túnel mundo afora.

Mas e no Brasil?

A fiscalização em fazendas é mais complexa, porém a elaboração do selo "Bem-Estar Animal na Fazenda" (BEAF) onde a propriedade é fiscalizada e os funcionários devem passar permanentemente por treinamentos, deve amenizar, senão eliminar essa situação, pois o equino é quem mais sofre nesse caso.

Minha proposta foi feita em 2014. E quase nada foi feito a respeito. Apenas briga política para ganhar no braço. E o laço está se estreitando cada dia mais. Vale a pena esse confronto, especialmente se estamos vendo fortes sinais que estamos a perder? Ou devemos tomar a iniciativa e propor mudanças internas que visem, efetivamente, melhores condições para os cavalos, em seu dia a dia e nas competições?

Certamente, iniciativas desse porte serão vistas com bons olhos por aqueles que realmente brigam pelo bem-estar animal, e não pelos holofotes (para esses, não tem solução).

Mas como convencer a todos que isso é necessário? Educação continuada. Obrigando a todos que desejam competir, a se qualificar em minicursos dados de forma contínua, recorrente, nos

eventos, de forma itinerante, ou qualquer outra possível, até mesmo on-line, apresentando o que é o cavalo e como ele age, pensa e sente.

E claro, sendo obrigatório a participação nesses cursos para poder competir.

E, certamente, com regulamentos claros e fiscalização efetiva no quesito BEA, não apenas aquelas que fingimos que existem. No **Box 4** seguem algumas sugestões do que pode ser feito de forma menos complicada, que pode trazer resultados benéficos ao BEA.

#### **Box 4: RECOMENDAÇÕES A SEREM PROPOSTAS PARA O BEA EM PROVAS EQUESTRES**

##### **Cuidados Gerais:**

- Lotação máxima do caminhão
- Idade e peso mínimo dos animais
- Idade e peso máximo dos animais
- Ambiência da sala de espera: tamanho, lotação, sombreamento, alimentação, água, aspersão com água (UR), piso (em esporte com outras espécies)
- Proibido uso de choque elétrico (em esporte com outras espécies)
- Obrigatoriedade de uso de bandeiras, sem que toquem os animais ou produzam ruídos (em esporte com outras espécies)
- Nomeação de 'consultor' e 'fiscal' independente para os eventos oficiais e obrigatoriedade para os eventos não oficiais, cuja fiscalização fica a cargo da Defesa Sanitária local
- Constituição de um comitê de BEA composto por membros das associações de criadores, associações equestres, profissionais veterinários e consultores independentes para o BEA para avaliação e discussão de situações pertinentes ao BEA em provas e eventos equestres
- Elaboração de um guia sintético e um descritivo sobre questões de BEA para auxiliar profissionais que trabalham no meio
- Elaboração de código de conduta a ser distribuído e cobrado de todos os envolvidos em eventos equestres
- Elaboração de programa de instrução para todos os envolvidos em eventos equestres, onde é obrigatória a participação nas palestras para poder competir
- Limitar a duas passadas do animal por dia por com petição.

##### **Para o Cavalo:**

- Limitação do uso de embocaduras conforme o tipo
- Proibição do uso de chicotes, rédeas longas, ou outros estimulantes físicos para o cavalo
- Proibição do uso de espora com rosetas de ponta (mesmo serradas)
- Proibição de treinar e montar cavalos após o término das competições durante o evento
- Obrigatoriedade em manter as camas limpas
- Alimentação baseada em volumoso à vontade
- Água fresca e limpa à vontade nas baias dos cavalos, manter sempre os cochos de água limpos. Obrigatoriedade de cochos de água em todas as baias.

Claro que algumas situações serão complexas, especialmente por envolverem questões financeiras, começando pela idade de início de prova.

Um dos maiores desvirtuamentos da realidade fisiológica equina que se estabeleceu no mundo equestre é em relação à precocidade dos cavalos de determinadas raças, que permitiriam iniciar em competições mais cedo. Na realidade, precocidade está intimamente ligada à formação final do cavalo, 5 ou 6 anos, e não ao início, onde um animal jamais deve ser montado antes dos 36 meses, e iniciado em competição antes dos 48 meses. Mas sim, isso afeta drasticamente o BEA pois causa lesões, muitas vezes irreversíveis, nos cavalos, inutilizando-os em definitivo para qualquer esporte. E isso feito por gente que vive do cavalo e que ama cavalos.

E nós, médicos veterinários, temos e sempre teremos papel relevante sobre a questão, especialmente pela ausência de atitude quando o cliente for punido.

Finalizando e complementando as palavras de Nietzsche:

*“Tenho necessidade da solidão sem ficar só. Tenho necessidade do isolamento das pessoas que me fazem mal. Tenho necessidade de fugir daqueles que não desejam o melhor para seu próximo. Tenho necessidade de sonhar que um dia a humanidade caminhe em pensamento uníssono pelo bem do próximo. Tenho necessidade... Mas me frustra pensar que não consiga atender às necessidades do âmago de meu ser, pelo ódio criado pelo ser humano contra seu próximo, humano ou animal. Para onde caminhamos? O que esperar para o futuro quando, para*

*debelar a maldade, desejamos mais maldade? Se a crença de que, neste plano existencial, a lei do retorno do Universo é verdadeira, como esperar amor se o ódio versa cada vez mais forte entre nós?”* (Cintra, 2020 - post do Instagram @andregcintra).

***“Se você passar tempo com os animais, corre o risco de se tornar uma pessoa melhor” (Oscar Wilde)***

“Agradeço a colaboração das colegas Profa. Dra. Denise Leme (UFSC) e Raquel Freygang Mendes Kertscher (Instagram @oceanomoncheval), médica veterinária de Santa Catarina, pelas sugestões relevantes e pertinentes”

### BIBLIOGRAFIA CITADA

1. EVANS, D.; MCGREEVY, P. (2011) An Investigation of Racing Performance and Whip use by Jockeys in Thoroughbred Races. **PLoS ONE** 6(1): e15622. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0015622>
2. MELLOR, D.; BEAUSOLEIL, N.J.; LITTLEWOOD, K.E.; McLEAN, A.N.; MCGREEVY, P.; JONES, B.; WILKINS, C.; Massey University. The 2020 Five Domains Model: Including Human-Animal Interactions in Assessments of Animal Welfare. **Animals** 10(1870) - DOI:10.3390/ani10101870. October, 2020.
3. THOMPSON, K.; McMANUS, P.; STANSALL, D.; WILSON, B.J.; MCGREEVY, P.D. Is Whip use Important to Thoroughbred Racing Integrity? What Stewards' Reports Reveal about Fairness to Punters, Jockeys and Horses. **Animals** (Basel). 2020 Oct 29; 10(11):1985.
4. WILSON, B.; JONES, B.; MCGREEVY, P. (2018). Longitudinal trends in the frequency of medium and fast race winning times in Australian harness racing: Relationships with rules moderating whip use. **PLoS ONE** 13(3): e0184091.